

EXPOSIÇÃO

A saga dos índios gigantes

As escolas de Brasília têm até quarta-feira para programar uma visita à exposição fotográfica *Kramhacãrore Panará*, que está aberta na entrada privativa do Ministério da Educação, das 13h às 23h. Até quinta-feira passada, apenas escolas públicas da Ceilândia tinham agendado visita, além de estabelecimentos particulares do Plano Piloto e Lago Sul.

"É uma aula de história", diz a chefe da Divisão da Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas, Valéria Moreira Neves dos Santos. Além da exposição fotográfica, organiza-

da pelo Instituto Socioambiental, os estudantes têm a oportunidade de assistir ao videodocumentário *O Brasil Grande e os Índios Gigantes* para entender melhor a história da saga dos índios Panará, mais conhecidos como "índios gigantes" ou "Kramhacãrore", que foi contada pelos jornalistas Pedro Marinelli (autor do ensaio fotográfico em preto e branco exibido na exposição), Ricardo Arnt, Lúcio Flávio Pinto e Raimundo José Pinto, no livro *Parará -- A volta dos Índios Gigantes*.

Esta é uma história de índio com final feliz. Eles ficaram

famosos no início da década de 70 quando o governo abriu a rodovia Cuiabá-Santarém. A tribo ficava localizada na divisa de Mato Grosso com o Pará, no rio Peixoto de Azevedo. Os índios Panará tiveram os primeiros contatos com o branco por meio da expedição de atração dos irmãos Cláudio e Orlando Villas Bôas. Com a construção da rodovia e abandonados pela Funai, os Panará adoeceram. Pediam esmolas na beira da estrada e quase foram dizimados.

Em 1975, os sobreviventes foram resgatados pelos Villas Bôas e transferidos de avião para

o Parque do Xingu, enquanto suas terras eram invadidas por garimpeiros, madeireiros, deixando um rastro de destruição e progresso efêmero. Foram 20 anos de exílio no Xingu.

Os Panará voltaram a crescer e decidiram visitar suas terras para ver de perto "o que o branco havia comido". Para sua surpresa, uma parte do antigo território tradicional ainda estava preservada. Retomá-la virou uma obsessão para a tribo, um sonho que virou realidade em 1997. Eles recobram o ânimo de viver e de lutar, reconquistaram uma parte do seu antigo território tradicio-

nal no rio Iriri, 495 quilômetros de florestas densa e cabeceiras de rios, na divisa entre Mato Grosso e Pará.

A coordenadora geral de Apoio às Escolas Indígenas do MEC, Ivete Madeira Campos, explica que a exposição faz parte de uma linha de ação do Ministério da Educação, que é de mostrar para a sociedade a diversidade sócio cultural e lingüística que existe no Brasil.

Informações: 321.5323 e 410.8630

ANA SÁ REPORTER DO JORNAL DE BRASÍLIA
Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA